

CELSO MARIA DE MELLO PUPO

Comunicação à Academia Campinense de Letras apresentada em sessão de 13/9/1982, pelo acadêmico

Celso Maria de Mello Pupo.

Traz o jornal "O Estado de São Paulo" de domingo, dia 29 de agosto último, uma crítica à nossa Academia sob o título "Campinas indiferente aos seus acadêmicos", de autoria de Wilson Marini. Inicia o autor citando Eustáquio Gomes, jornalista que há tempos fez uma publicidade (segundo ele mesmo me afirmou) sobre nossa Academia, revoltando acadêmicos e provocando até uma proposta para que a Academia o responsabilizasse criminal e judicialmente.

Transcrevo Marini para reproduzir que "foi anunciada, com ar de notícia bombástica, a eleição do físico Rogério César de Cerqueira Leite para ocupar a cadeira de número dois da Academia Campinense de Letras. Está aberta, mais uma vez, a antiga rivalidade que separa seus 40 imortais de igual número de integrantes da concorrente Academia Campinense de Ciências, Letras e Artes" (O autor nem sabe nomes das Academias enquanto a notícia bombástica não se deve à Academia).

Prossegue Marini: "Até agora, os intelectuais se limitaram a assistir à distância, com rictus na boca, os acontecimentos culturais da cidade, sem participar" afirma Rogério". "Penso que é hora de começar a fazê-lo, desafia". (Aqui cabe um desmentido, pois no ano corrente o primeiro professor da Unicamp a divulgar pela imprensa o seu interesse em ser acadêmico, foi, antes do

dia 17 de março, o Magnífico Reitor José Aristodemo Pinotti, cuja candidatura foi levantada, neste último dia citado, pelo acadêmico Marino Emílio Falcão Lopes, não tendo o Magnífico Reitor se can-
didatado por não desejar concorrer com colegas que se apresentaram para preenchimento das cadeiras 2 e 5.

Mas, mostram as estatísticas, que apesar de nossos Estatutos exigirem para a eleição de acadêmico que o candidato tenha seu domicílio em Campinas há mais de cinco anos, grande tem si-
do na Campinense o preenchimento de suas cadeiras por professores universitários, com sobra de tempo como domiciliados em Campinas. Vejamos as estatísticas:

Tomando por base o número 40 de "Publicações da Academia Campinense de Letras", vemos que desde sua fundação até 1981, dos 59 ocupantes de suas cadeiras, 29 eram ou são professores universitários, a saber: 1 Francisco Ribeiro Sampaio, diretor do Instituto de Letras; 2 Monsenhor Emílio José Salim, Magnífico Reitor da Universidade Católica; 3 Benedito Sampaio; 4 Valdemar César da Silveira; 5 Wilson Brandão Tóffano; 6 Carlos Francisco de Paula; 7 Odilon Nogueira de Matos; Rosalvo Madeira Cardoso; 9 Benedito José Barreto Fonseca, Magnífico Reitor da Universidade Católica; 10 Francisco Isolino de Siqueira; 11 Mário Giannini; 12 Carlos Foot Guimarães, diretor da Faculdade de Direito; 13 Stênio Pupo Nogueira; 14 Paulo Mangabeira Albernaz; 15 Hilton Federici; 16 José Emanuel Teixeira de Camargo; 17 João Francisco Regis de Moraes; 18 Alexandre Chiarini; 19 Milton Duarte Segurado; 20 Francisco Galvão de Castro; 21 José Roberto Amaral Lapa; 22 Lycurgo de Castro Santos

CELSO MARIA DE MELLO PUPO

Filho; 23 Mauro Ribeiro Sampaio; 24 Camilo Geraldo de Souza Coelho; 25 Paulo da Silva Pinheiro; 26 Marino Emílio Falcão Lopes; 27 Ruy de Almeida Barbosa; 28 Monsenhor Luís Fernandes de Abreu; 29 Júlio Andrade Ferreira, professor em Faculdade. Vinte e nove professores de cursos superiores, em sessenta e um acadêmicos pouco falta para cinquenta por cento.

Dos quarenta títulos (livros) publicados da série "Publicações da Academia Campinense de Letras", quatro se devem à própria Academia, dezoito a acadêmicos professores universitários e dezessete a não professores; das quatro publicações n.ºs. 16, 24, 35 e 40, a primeira, de 1966, teve 28 colaboradores acadêmicos, dos quais 14 professores universitários; a segunda, de 1971, com 27 colaboradores, 10 foram de autoria de professores universitários; a terceira publicação com 26 trabalhos dos quais 14 de professores universitários.

Teve em sua vida a Academia Campinense de Letras quatro acadêmicos que ocuparam a sua presidência, três professores universitários.

Então podemos afirmar que desde a fundação, professores universitários deram perto de cinquenta por cento da colaboração constituinte da Academia Campinense de Letras.

Trata ainda o artigo do "Estadão", de uma briga que diz haver entre as duas Academias da cidade. Outra balela, pois estas instituições se respeitam e seus presidentes têm trocado atenções com reciprocidade de presença em sessões que realizam.

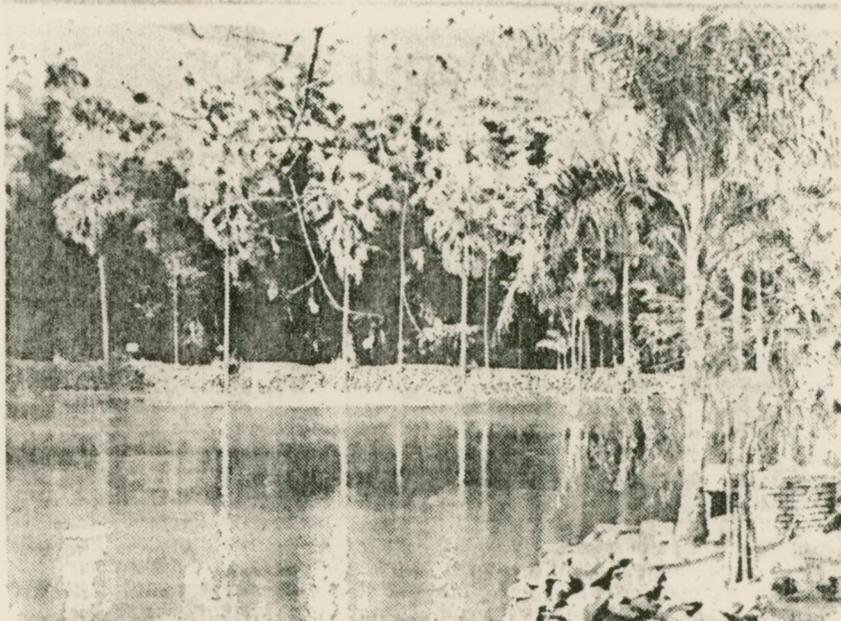
Infelizmente a atração que Campinas exerce sobre

CELSON MARIA DE MELLO PUPO

muitos individuos que a procuram para seu meio de subsistencia, provoca a presença de ignorantes de sua vida e de seu passado ; não faltam, porém, os que se elegem julgadores e conselheiros de nossas instituições. Se nada valem as suas sabenças, alertemo-nos na vigilância contra suas aleivosias.

É de se lamentar que elementos hoje componentes da imprensa campineira, de glorioso passado quando era ela uma verdadeira escola do bem escrever e com valiosas colaborações de grandes escritores do país, desmereçam tal passado cada vez mais mais distante, para tratar de assunto que seria valioso aos cidadãos, mas desvalido pela insegurança de informações.

.....



Fotos José Juarez Fernandes Costa

a olímpica e uma mansão que serve ao Legislativo local

Campinas indiferente aos seus acadêmicos

WILSON MARINI
Da sucursal de Campinas

Se o cálculo tivesse alguma validade, Campinas, com seus 700 mil habitantes, certamente iria orgulhar-se de possuir um acadêmico para cada grupo de 8.750 pessoas, graças aos 80 imortais que compõem as duas academias locais. A quantidade parece nada preocupar a população, que encara a existência das duas casas com indistigável indiferença. Enquanto isso, a maioria dos escritores e intelectuais procura desenvolver suas atividades fora do restrito e formalíssimo ambiente dessas academias. E os próprios acadêmicos (autores ou não) se contentam com sua própria ostentação, consagrando o tempo a questões como a troca de insultos de um grupo a outro. Mas a produção editorial de seus integrantes é mínima.

O jornalista e escritor Eustáquio Gomes, autor de "Os Jogos de Junho" (E. José Olympio, 1981), afirma que "a natureza das escaramuças que sempre animaram as duas academias talvez tenha servido para manter à distância os intelectuais". O fato é confirmado até mesmo dentro das academias, onde o fundador de uma delas, a mais antiga, ex-vereador Francisco Ribeiro Sampaio, veterano professor de português da PUC local, afirma que "há muita gente boa fora da academia". Segundo ele, são pessoas que não se interessam, não têm tempo ou não creem no espírito acadêmico.

O assunto voltou a ser debatido novamente em Campinas em forma de polêmica nos diversos pontos de encontro de intelectuais — nos tradicionais cafés do centro, nas livrarias (uma das quais editora), ou nos frias salas de reunião dos acadêmicos, entre um gole e outro de água mineral. E que foi anunciada, com ar de notícia bombástica, a eleição do físico Rogério Cesar de Cerqueira Leite para ocupar a cadeira de número dois da Academia Campinense de Letras. Está aberta, mais uma vez, a antiga rivalidade que separa seus 40 imortais de igual número de integrantes da concorrente Academia Campinense de Ciências, Letras e Artes.

A briga está apenas começando. O grupo não ligado às academias fez veicular este mês o suplemento "Domingo Cultural" através do matutino *Correio Popular*, já com um ataque direto aos academi-

cos: "Alguém sabe o que se discutiu nas últimas reuniões das academias Campineira e Campinense de Letras? Já notou que entre elas há uma rivalidade que não faz a cultura avançar um centímetro?", perguntou, em tom de provocação, o articulista Roberto Goto, logo no primeiro número.

"Como não foram razões de paz precipitaram a proliferação de acadêmicos, qualquer mudança na temperatura cultural serve em geral para reacender o fogo da discordância", analisa Eustáquio Gomes. Na verdade, o interesse de Cerqueira Leite — professor da Unicamp, onde dirigiu o Instituto de Artes, e autor de "Antoninho Fincapé e seu defunto", livro de contos publicado em 1976 — supera, pela primeira vez, o caráter meramente provinciano que tem caracterizado as questões acadêmicas em Campinas. É que, finalmente, um respeitável intelectual da Unicamp se aproxima "da cultura oficial da cidade, até então mercedora da mais profunda indiferença por parte de seus professores", segundo Gomes.

"Até agora, os intelectuais se limitaram a assistir à distância, com um rictus na boca, os acontecimentos culturais da cidade, sem participar", afirma Rogério. "Penso que é hora de começar a fazê-lo" desafia.

Apesar da disposição do físico em reunir-se, a cada mês, com os confrades da "Campinense", a idéia ainda não contagiou os demais pesquisadores. A maioria, residente na Cidade Universitária, no pacato distrito de Barão Geraldo, a 12 quilômetros do centro, não utiliza Campinas como local de referência, preferindo São Paulo ou Rio. Exceção ao historiador José Roberto do Amaral Lapa, da Unicamp, e ao professor Regis de Moraes, da PUC, que já integram o quadro da Campinense.

O poeta e professor de Antropologia Carlos Rodrigues Brandão afirma que "se a intelectualidade universitária se imiscuisse na vida cultural local, Campinas seria uma praça literária de primeira grandeza". E lembra nomes como Roberto Schwartz, Modesto Carone e Carlos Voggt, que "ignoram Campinas". Por isso, estão sendo sondados para se candidatarem. O professor Rubem Alves já aceitou o convite nesse sentido e deverá ser o próximo acadêmico.

Comunicação à Academia Campinense de Letras apresentada em sessão de 13/9/1982, pelo acadêmico

Celso Maria de Mello Pupo.

Traz o jornal "O Estado de São Paulo" de domingo, dia 29 de agosto último, uma crítica à nossa Academia sob o título "Campinas indiferente aos seus acadêmicos", de autoria de Wilson Marini. Inicia dizendo que o "jornalista e escritor Eustáquio Gomes, autor de "Os Jogos de Junho" (E. José Olímpio, 1981), afirma que "a natureza das escaramuças que sempre animaram as duas academias talvez tenha servido para manter à distância os intelectuais".

Transcrevo Marini para reproduzir que "foi anunciada, com ar de notícia bombástica, a eleição do físico Rogério César de Cerqueira Leite para ocupar a cadeira de número dois da Academia Campinense de Letras. Está aberta, mais uma vez, a antiga rivalidade que separa seus 40 imortais de igual número de integrantes da concorrente Academia Campinense de Ciências, Letras e Artes". (O autor nem sabe nomes das Academias enquanto a notícia bombástica não se deve à Academia) *Campinense de Letras que eleger Rogério para 2º secretário ✓*

Prossegue Marini: "Até agora, os intelectuais se limitaram a assistir à distância, com rictus na boca, os acontecimentos culturais da cidade, sem participar" afirma Rogério. "Penso que é hora de começar a fazê-lo, desafia". (Aqui cabe um desmentido, pois no ano corrente o primeiro professor da Unicamp a divulgar pela imprensa o seu interesse em ser candidato, foi, ante

transcritamente se apresenta

dia 17 de março, o Magnífico Reitor José Aristodemo Pinotti, cuja candidatura foi levantada, neste último dia citado, pelo acadêmico Marino Emílio Falcão Lopes, não tendo o Magnífico Reitor se can-
didatado por não desejar concorrer com colegas que se apresentaram
para preenchimento das cadeiras 2 e 5.

~~Mas,~~ Mostram as estatísticas, que apesar de nossos Estatutos exigirem para a eleição de acadêmico que o candidato tenha seu domicílio em Campinas há mais de cinco anos, grande tem sido na Campinense o preenchimento de suas cadeiras por professores universitários, com sobra de tempo como domiciliados em Campinas. Vejamos as estatísticas:

Tomando por base o número 40 de "Publicações da Academia Campinense de Letras", vemos que desde sua fundação até 1981, dos 59 ocupantes de suas cadeiras, 29 eram ou são professores universitários, a saber: 1 Francisco Ribeiro Sampaio, diretor do Instituto de Letras; 2 Monsenhor Emílio José Salim, Magnífico Reitor da Universidade Católica; 3 Benedito Sampaio; 4 Valdemar César da Silveira; 5 Wilson Brandão Tóffano; 6 Carlos Francisco de Paula; 7 Odilon Nogueira de Matos; 8 Rosalvo Madeira Cardoso; 9 Benedito José Barreto Fonseca, Magnífico Reitor da Universidade Católica; 10 Francisco Isolino de Siqueira; 11 Mário Giannini; 12 Carlos Foot Guimarães, diretor da Faculdade de Direito; 13 Stênio Pupo Nogueira; 14 Paulo Mangabeira Albernaz; 15 Hilton Federici; 16 José Emanuel Teixeira de Camargo; 17 João Francisco Regis de Moraes; 18 Alexandre Chiarini; 19 Milton Duarte Segurado; 20 Francisco Galvão de Castro; 21 José Roberto Amaral Lapa; 22 Lycurgo de Castro Santos

Filho; 23 Mauro Ribeiro Sampaio; 24 Camilo Geraldo de Souza Coelho; 25 Paulo da Silva Pinheiro; 26 Marino Emílio Falcão Lopes ; 27 Ruy de Almeida Barbosa; 28 Monsenhor Luís Fernandes de Abreu; 29 Júlio Andrade Ferreira, professor em Faculdade. Vinte e nove professores de cursos superiores, em sessenta e um acadêmicos pouco falta para cinquenta por cento.

Dos quarenta títulos (livros) publicados da série "Publicações da Academia Campinense de Letras", quatro se devem à própria Academia, dezenove a acadêmicos professores universitários e dezessete a não professores; das quatro publicações n.ºs. 16, 24, 35 e 40, a primeira, de 1966, teve 28 colaboradores acadêmicos, dos quais 14 professores universitários; a segunda, de 1971, com 27 colaboradores, 10 foram de autoria de professores universitários; a terceira publicação com 26 trabalhos dos quais 14 de professores universitários.

Teve em sua vida a Academia Campinense de Letras quatro acadêmicos que ocuparam a sua presidência, três professores universitários.

Então podemos afirmar que desde a fundação, professores universitários deram perto de cinquenta por cento da colaboração constituinte da Academia Campinense de Letras, *mas que, segundo os comentaristas citados, nota-se que intelectuais, assim como acadêmicos*

Trata ainda o artigo do "Estadão", de uma briga que *antes de suas atividades a forma lista* diz haver entre as duas Academias da cidade. Outra balela, pois estas instituições se respeitam e seus presidentes têm trocado atenções com reciprocidade de presença em sessões que realizam.

Infelizmente a atração que Campinas exerce sobre

não são intelectuais

CELSON MARIA DE MELLO PUPO

muitos individuos que a procuraram para seu meio de subsistência,
provoca a presença de ignorantes de sua vida e de seu passado ;
não faltam, porém, ^{entre eles,} os que se elegem julgadores e conselheiros de
nossas instituições. Se nada valem as suas sabenças, alertemo-nos
na vigilância contra suas aleivosias.

.....